

# “A esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico”

Por Tatiana Merlino. Foto Divulgação.

nos últimos dez anos, a América Latina se transformou na vanguarda da luta anti-imperialista: “foi o continente onde o socialismo do século 21 entrou na agenda política”. A análise é do intelectual português Boaventura de Sousa Santos, que vê grandes avanços no domínio político e “alguns avanços sociais” durante a década passada no continente latino-americano. No entanto, ele afirma estar receoso com início do novo decênio: “vejo sinais perturbadores”, diz, referindo-se à recente derrota eleitoral da “esquerda moderada” no Chile e ao crescimento da direita na Venezuela.

Doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale, Estados Unidos, e professor titular da Universidade de Coimbra, em Portugal, Boaventura é considerado um dos principais intelectuais da língua portuguesa na área de ciências sociais. Em conversa com a *Caros Amigos*, o português falou sobre a crise do capitalismo, o papel da China no novo cenário político-econômico mundial, as propostas de integração da América Latina, e criticou o primeiro ano do governo de Obama: “Agora, o que se vê é que cada presidente dos Estados Unidos tem a sua guerra”.

**Diferentemente do que muitos analistas imaginavam, a crise financeira mundial não resultou no colapso do capitalismo. Como o senhor vê a situação daqui para a frente? O que podemos esperar?**

Boaventura de Sousa Santos – Essa situação mostra duas coisas: uma, que o pensamento crítico e de esquerda deveria fazer uma moratória de uma ideia que anda sempre presente, que é a crise final do capitalismo. Quantas crises finais já vimos, quantas foram anunciadas? Meus amigos Immanuel Wallerstein e David Harvey já estão falando em crise final. É evidente que haverá um fim, mas é muito difícil imaginá-lo agora. Hoje, o capitalismo não é



um modo de produção, e sim um modo de civilização. Temos hábitos que não se imagina que possam existir fora da sociedade capitalista. Portanto, essa é uma luta por uma nova hegemonia, uma nova cultura. São necessárias transformações civilizacionais, e é por meio de uma luta de civilização que o capitalismo vai, eventualmente, cair. Mas não será já. Por exemplo, a crise financeira mostrou exatamente a capacidade de fôlego e de renovação interna que o capitalismo tem. Ele não tem princípios – só tem um, o lucro. Por isso que o capitalismo é, por essência, anti-democrático. Ele tolera a democracia enquanto ela for irrelevante para a proteção dos seus interesses. No momento em que ela ameaçar o desenvolvimento dos seus interesses, o capitalismo pode se transformar em anti-democrático.

**Mas o fato dos bancos terem recorrido ao Estado não muda o cenário do capitalismo mundial?**

A partir de uma leitura marxista de Estado não há nenhuma surpresa. O Estado está aí para segurar o capital, e obviamente o Estado americano sustentou o capital financeiro. É aí que podemos discutir em que fase do capitalismo estamos. Nesse ponto eu concordo com os meus colegas. Acho que estamos numa fase particularmente perdedora do capitalismo. E, historicamente, uma certa derrocada do capitalismo acontece fundamentalmente nos momentos em que o capital financeiro começa a dominar o capital produtivo. Foi assim no declínio da Inglaterra, e hoje cremos que pode vir a dar-se a crise desse sistema. A palavra mais demonizada dos últimos tempos foi a “nacionalização”. No entanto, os homens de Wall Street não hesitaram em aceitar a nacionalização da grande empresa de seguros A&G e de alguns bancos. Foram salvos exatamente pelo Estado. Ou seja, não há princípios, há resultados, há lucros. Essa crise não foi superada, pois, agora, foi aparentemente resolvida pelo capital financeiro. O presidente Obama declara que tem que haver uma regulação do capital financeiro porque a situação não é admissível para os cidadãos. Isso, mesmo numa democracia tão limitada como a norte-americana, em que tantos trilhões de dólares foram injetados no sistema financeiro para obter lucros fabulosos e se distribuir bônus e subsídios aos seus executivos, como faziam antes. Então, nada mudou. Essa é a primeira razão para mostrarmos que temos que ter uma certa prudência quando declararmos as fases finais do capitalismo. Temos que continuar a lutar, mas sabendo que esse é um sistema que tem uma capacidade histórica de se renovar. A segunda razão pela qual nada mudou é que a esquerda nas duas últimas décadas comprou as teses neoliberais. Aquela esquerda que tem a pretensão de chegar ao governo em muitos países – com exceção de alguns países do con-

tinente, como Equador, Bolívia ou Venezuela – acabou por aceitar que o mercado é um princípio de eficiência fundamental, que é melhor que o Estado, que a desregulação é importante, que a iniciativa privada é importante. Ou seja, a esquerda ficou desarmada.

**Como o senhor vê o papel da China nessa nova conjuntura político-econômica? Ela tem potencial para redefinir a geopolítica mundial?**

Tem, sim, e estamos a falar de mais de um quinto da população mundial, com uma parcela significativa da humanidade. Esse país tem uma grande capacidade de ser uma força internacional. Ao contrário dos países ocidentais, injetou dinheiro na economia produtiva e, portanto, é o primeiro país a sair da crise. Com um crescimento que, calcula-se, será de 9% neste ano. Entre suas limitações está a disjunção entre o sistema político e econômico. É um sistema do lucro, do egoísmo, governado por um partido único autoritário que tem outras lógicas de funcionamento. Por quanto tempo essa disjunção vai existir? A China vai ser uma influência boa e má. Boa no sentido de moderar os instintos imperialistas dos Estados Unidos. Mas isso não é garantia que não possa vir a prejudicar outros interesses da humanidade.

**Quando Barack Obama ganhou as eleições presidenciais, o senhor escreveu um artigo falando do valor simbólico da vitória. Passado um ano de governo, recém-completado, qual é o balanço que o senhor faz, tanto da política interna quanto externa?**

Nesse artigo eu já mostrava alguma distância em relação ao Obama. É curioso que fui talvez uma das primeiras pessoas a escrever colunas internacionais que não “embandeiraram arco”, como a gente diz em Portugal, com a eleição de Obama. É claro que simbolicamente há um poder enorme, porque, não ele, mas sua mulher, é descendente de escravos, e, assim, entra na Casa Branca uma descendente dos escravos que construíram a mesma Casa Branca. E isso é de um valor simbólico notável, do mesmo modo que é chegar um operário ao governo no Brasil. Mas um ano depois, o que vemos é que, por mais inteligente que seja um homem – e ele é o melhor aluno de Harvard até hoje –, por mais que ele tenha uma capacidade retórica impressionante, quando chega ao poder fica totalmente enredado a esse poder. Ao fim desse primeiro ano de mandato só temos desilusões. De fato, não há nada de positivo. Quando da crise financeira, o Obama ainda era candidato e o vi na televisão rodeado pelos grandes homens do Goldman Sachs [um dos

## “A crise financeira mostrou a capacidade de renovação interna que o capitalismo tem”

maiores bancos de investimento do mundo], que são hoje seus consultores. Portanto, ainda como candidato ele deu sinais de que não ia mudar a política do país. Mas foi pior do que aquilo que se esperava, na medida em que ele tinha um perfil de luta contra a guerra. Agora, o que se vê é que cada presidente dos Estados Unidos tem a sua guerra. O Obama também tem a sua. E esta, todavia, é quiçá mais perigosa que a guerra do Bush contra o Iraque. Porque é uma guerra no Afeganistão, onde historicamente ninguém ganha. E é uma guerra que se estende a um país que antes era amigo, o Paquistão, que está a ser desagregado devido à influência dos EUA. Portanto, a desilusão no campo da guerra é total. A segunda desilusão é o comportamento em relação à América Latina. Não é desilusão porque eu não estava iludido, mas é evidente que muita gente ficou, porque Obama veio com um discurso completamente distinto, de estender a mão aos colegas latino-americanos. Mas a verdade é que a Quarta Frota continua e vieram as sete bases militares na Colômbia, que não têm nada a ver com a droga, nem sequer com a guerrilha. Elas estão orientadas basicamente para a biodiversidade desse continente, área estratégica para os Estados Unidos. Portanto, não pode ocorrer nada nesse continente que ponha em risco os seus interesses estratégicos ou o seu acesso aos recursos naturais.

**E em relação ao Haiti e à militarização da ajuda humanitária por lá?**

Evidentemente, essa é uma das vergonhas porque é a mais recente de todas. Antes dessa, houve Honduras. Depois dos Estados Unidos terem dado a ideia de que estavam do lado democrático, falou mais alto a necessidade de manter as bases em Honduras, e, portanto, acabaram por ceder ao golpe hondurenho. O Haiti é um caso patético de emprego de forças de intervenção. O último episódio ocorreu em 2004, com a saída do Aristide [Jean-Bertrand Aristide, que sofreu um golpe de Estado apoiado por EUA e França]. Depois, veio essa força internacional em que os brasileiros se meteram e que não reconheço como uma força de estabilização de um país, mas sim como uma força de liquidação de um país. Para os EUA, o Haiti é uma zona de segurança onde nada que ponha os seus interesses em jogo pode ocorrer. Depois do terremoto eles privilegiam a segurança, as forças militares e só apoiam as pessoas que estão em áreas de segurança.

**Como o senhor vê o momento político da América Latina?**

O momento político da década passada foi exultante. Temos um lado mais trágico e anti-democrático, dos que tentam liquidar os avanços dessa década por meio da criminalização dos movimentos. É o caso do MST no Brasil, dos Mapuche no Chile. Mas tivemos uma década gloriosa. Foi um momento em que esse continente se transformou na vanguarda da luta anti-imperialista. Onde se fala em anti-imperialismo hoje? Em nenhuma parte do mundo, senão na América Latina. Foi também o continente onde o socialismo do século 21 entrou na agenda política. Uma palavra que para muita gente tinha sido abandonada. É uma década de altos avanços no domínio político e alguns avanços no domínio social. Eu não sou daqueles que embarcam na ideia de que já estamos no socialismo, porque já passei por muitas experiências, já vi o socialismo ali na esquina e depois não era. Portanto, também não acredito que seja agora. No domínio político, houve transformações. Mas, no econômico, elas são muito mais limitadas. Portanto, podemos dizer que a esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico. Há tentativas de desestabilização, como houve na Bolívia, no Equador e como vai haver na Venezuela. Eu acho que a Venezuela pode, em breve, passar por um problema grave que vai exigir toda a solidariedade internacional, e solidariedade do Brasil, que é uma potência fundamental nesse continente. Por outro lado, firmaram-se formas de integração regional que são significativas. O Brasil fez alguns movimentos interessantes e importantes. Pelo menos, ajudou a tornar claro para o continente que a América Latina não era o quintal dos Estados Unidos. Por exemplo, a postura em relação a Honduras, em relação às bases na Colômbia, o apoio ao Chávez. Claro que o Brasil não está envolvido a fundo nas formas de integração regional que tenham sentido anticapitalista. Em relação ao Banco do Sul, o Brasil tem marcado passo. Em relação à Unasul, a mesma coisa. E o país nem faz parte de iniciativas como Petrosul e Alba. Mas essa foi uma década da qual os latino-americanos devem estar orgulhosos. Obviamente, não estou tão seguro que a próxima década seja tão gloriosa quanto essa. Simbolicamente, a vemos começar com a derrota de uma certa esquerda muito moderada no Chile. Além disso, não sabemos o que vai acontecer com o Brasil nas próximas eleições, nem o que vai acontecer na Venezuela.

**Então o senhor acha que corremos o risco de dar uma guinada para a direita com as eleições no Chile, Venezuela, Argentina e Brasil?**

Pode ser. O que eu vejo são sinais perturba-

“Historicamente, uma certa derrocada do capitalismo acontece fundamentalmente nos momentos em que o capital financeiro começa a dominar o capital produtivo”





dores. No continente, há a continuidade de certas tradições antidemocráticas e autoritárias: os jagunços, as milícias privadas, o paramilitarismo (que está aumentando e que espalha terror nas comunidades rurais, onde estão os recursos naturais, a água, a terra, a biodiversidade, o petróleo e o gás natural). E não vejo que os partidos progressistas estejam a dar muita atenção a isso. O paramilitarismo é capaz de ser uma novidade para muita gente, até de esquerda.

### **O senhor pode falar sobre os três processos de transição política que o senhor diz que estão em curso na América Latina?**

São três processos sobrepostos, que não estão igualmente distribuídos no continente, mas que estão presentes em muitas partes. Primeiro, é aquele que de alguma maneira mais se estudou no continente, que é a transição da ditadura à democracia. Toda a literatura da ciência política sobre transição trata, normalmente, sobre a transição da ditadura para a democracia. Justiça de transição, justiça transicional etc. Ela é muito importante, e muita gente pensa que ela está superada, mas não está. Vimos o caso da Colômbia, que nunca teve uma ditadura, ao contrário de outros países, mas viveu estados de sítio em sucessão e que, hoje, tem paramilitarismo supostamente lutando contra uma guerrilha. Essa transição também ocorre aqui no Brasil. Toda a discussão acerca da Lei de Anistia, da tortura, mostra que a transição não está completa. A impunidade significa que a ditadura e sua lógica ainda estão presentes no Brasil. A segunda transição é forte aqui no Brasil, devido à grande emergência dos movimentos indígenas e dos movimentos quilombolas, que é a transição do colonialismo à descolonização. Foi uma transição que teve seu lugar nos Estados Unidos, por meio de movimento negro, dos direitos civis e políticos. Também há o exemplo dos movimentos indígenas em alguns países, com a ideia da plurinacionalidade. Aqui no Brasil, há a questão das políticas afirmativas, dos direitos coletivos, que mostram que há dois tipos de nação, a nação cívica e a nação étnico-cultural. E as duas não colidem. A terceira transição é uma que se fala mais em alguns países do que noutros, que é a transição do capitalismo ao socialismo, e, portanto, a ideia de que podemos caminhar para o socialismo do século 21. Primeiro, na Venezuela, depois no Equador e na Bolívia, com nomes diferentes. Essa é uma transição muito interessante. Na sua versão venezuelana, eu não vejo muito de século 21 nas discussões que tem havido. Na própria prática, está mais para século 20. Não gostei nada da forma como foi criado o Partido Socialista Unificado da Venezuela (PSUV), sem participação popular, sem movimento de base. Na Bolívia e no Equador, estamos com outros padrões civilizatórios. A influência indígena é maior, a legitimidade da defesa da natureza é maior, há a ideia de que a frente agrícola tem que ser dominada para proteger a natureza, de que as frente extrativista e produtivista devem ser dominadas para termos uma relação mais harmo-

## **“O Brasil fez alguns movimentos interessantes e importantes. Pelo menos, ajudou a tornar claro para o continente que a América Latina não era o quintal dos Estados Unidos”**

niosa com a natureza. Tudo isso, a meu entender, mostra um socialismo, como se diz no Equador, do “Bien Vivir” [Bem Viver]. É uma fórmula que tenta buscar alguns elementos do imaginário indígena para compor uma ideia não eurocêntrica de socialismo. Porque, na essência, o socialismo é tão produtivista quanto o capitalismo. As relações de produção são diferentes, mas a vontade de que as forças produtivas avancem sem limites é tão forte na tradição do socialismo como no do capitalismo. E o socialismo do século 21 também pode, eventualmente, ser pós-estatista. Ou seja, ninguém acredita mais na planificação centralizada. Acredita-se numa descentralização, nas autonomias. Portanto, há um movimento novo aqui também, mas é evidente que são movimentos embrionários. O que vimos até agora, nomeadamente no Equador e na Bolívia, e até na Venezuela, não é propriamente socialismo: pode-se chamar de capitalismo de Estado. Aliás, quem utiliza melhor esse conceito é um grande marxista deste continente, que é o Álvaro García Linera [vice-presidente da Bolívia], que propõe uma internacional dos movimentos sociais, e que tem dito muitas vezes que, neste momento, o socialismo não está na agenda, mas sim o capitalismo andinoamazônico.

### **Qual é sua opinião sobre a proposta de Hugo Chávez de criar uma Quinta Internacional?**

São propostas interessantes: a do Álvaro García Linera, da internacional dos movimentos sociais, e a Quinta Internacional, do Chávez. A do Álvaro é nitidamente influenciada pelo Fórum Social Mundial, mas com o desejo de irmos para frente, com outro sentido de ação coletiva. Não penso que será o fórum em si mesmo, mas as suas organizações é que podem criar essa internacional dos movimentos. No caso da proposta do Chávez, não é muito do século 21, porque as internacionais vêm do século 19 e 20. O continente está dividido entre essa esquerda revolucionária e uma esquerda mais moderada. Mas a diferença é entre a esquerda que tem como horizonte o socialismo do século 21, e diz isso, como Aliança Pais [Equador], MAS [Bolívia], PSUV [Venezuela], Frente Farabundo Martí [El Salvador]; e outros que não põem essa questão na agenda, como o Brasil, como o peronismo, na Argentina. O Polo Democrático, na Colômbia, coloca, mas de uma maneira muito vaga. A divisão é essa.

### **Como o senhor vê o crescimento da direita na Europa? Como está o panorama da xenofobia, das leis de imigração etc?**

O avanço da direita na Europa deriva de várias causas. Uma delas é a crise da esquerda eu-

ropeia, que deixou se seduzir pelo discurso do neoliberalismo. A influência da Inglaterra foi muito forte, por meio da chamada terceira via que Anthony Giddens teorizou e que era uma socialdemocracia sem socialismo e sem redes populares. A esquerda faliu completamente na Europa, e, portanto, perante essa crise, não havia nenhuma alternativa. Por outro lado, essa crise estancou o crescimento econômico. A Europa continua praticamente estagnada, os países menores e mais vulneráveis sofrem mais com isso, como é o caso de Portugal. A Europa, como tinha um problema de abastecimento e de mão de obra, no seu período de expansão teve que dar muito espaço à imigração. Mas vem a estagnação e a Europa vê-se com uma população indesejada em seus territórios. Então, quem capitaliza isso é a direita, com o argumento populista muito fácil de dizer que esses indivíduos estão a nos tirar o emprego. E assim começam a xenofobia e as políticas de imigração completamente inconstitucionais, que violam os direitos fundamentais. A Europa está, neste momento, num beco sem saída, esperando que os Estados Unidos saiam da crise para ela própria sair. É evidente que a Europa está numa situação de alta estagnação e com problemas sociais e políticos graves. O que vemos é uma certa reinvenção da esquerda na Europa.

### **Como o senhor vê os novos partidos de esquerda, como o Die Linke, na Alemanha, o Partido Anticapitalista, na França, e o Bloco de Esquerda, em Portugal?**

O partido mais notável dessa nova esquerda é o Bloco de Esquerda, em Portugal, que, com suas vitórias eleitorais, tem um grupo parlamentar notável. É, sem dúvida, a grande novidade política da Europa. O Die Linke tem algum poder também e está num país muito mais importante, muito mais visível. Mas eu penso que o Bloco de Esquerda é das grandes inovações políticas que a Europa teve desde o final da guerra, porque não houve de fato grandes inovações dos partidos comunistas e socialistas. Em Portugal, continua havendo o Partido Comunista da maneira que sempre foi, mas houve espaço para criar um bloco de esquerda significativo. Por quanto tempo? Não sei. É um grande problema. Eu acho que o Bloco de Esquerda, assim como o Die Linke, na Alemanha, vão ter que enfrentar o problema de saber se vão continuar a ser partidos de denúncia ou se vão ser partidos de governo. Se um dia vão aliar-se às forças de governo. E isso é um dilema que eles estão a passar. 🏠

Tatiana Merlino é jornalista.